N.° 29. Anno de 1829.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 267 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

SEXTA FEIRA 6 DE FEVEREIRO. *As Chagas de Christo.*

Le Citoyen genereux, en servant la patrie ne peut avoir le dessein de se rendre haïssable, ou meprisable a ses yeux
MORALE UNIVERSELLE

Preamar as 6 horas e 54 minutos da tarde.

INTERIOR.

PERNAMBUCO. Domingo 1.° do corrente começou nesta Cidade a correr o boato, de que se premeditava fazer installar hum governo popular na Villa de S. Antaõ para os fins, que os interessados nisso lá sabiaõ. Deraõ-se logo como involvidos nessa façanhosa revoluçaõ estes e aquelles homens, que sò cuidaõ em viver em paz no seio de suas familias, tratando dos seus interesses. Na segunda feira o boato vulgarizou-se com a sahida de alguma gente armada dos Afogados e arrebaldes. Cada hum foi apontando o chefe, o sustentador, o colaborador &c. &c. os intrigantes naõ se esqueceraõ de calumniar a esmo, e o pequeno numero de pobres de espirito foraõ taõbem encaixando a sua mentira, conforme seus dezejos. A marcha de huma força sahida desta na noite de terça para quarta feira por ordem do Governo, verificou em parte esses boatos, e muita gente se persuadio haver com effeito huma revoluçaõ tramada por quem quer fosse, e ramificada por diversos pontos do interior da Provincia: mas o dia quarta feira explicou tudo isto: ja todos sabem que hum pugilo de saltiadores tendo-se reunido desde os Afogados atè S. Antaõ, roubando pelo caminho o que lhes offereceu a occasiaõ, chegaraõ áquella Villa na segunda feira á noute, e tendo-se apossado de algumas armas, soltado os prezos, e posto a Villa em attitude hostil, pertenderaõ reunir a Camara na terça feira de manhã para a nomeaçaõ de hum Governo, para o qual em fim naõ acharaõ hum homem. Eis o que sabemos desta desaforada quixotada, *a testa de cujos negocios* se apontaõ, si vera est fama, *patria da Fur.* O Nobre, Manoel Firmino, Mello, o atravessado Luiz Roma, e o Negro marchante Luiz de Barros. Que sucia de Mellos e Mellados! e a sem ceremonia com que essa canalha pertende ensovalhar esta Provincia, e comprometter alguns nescios, que podiaõ ser despachados para a Barataria! Em Pernambuco ja naõ he bastante ter só à cabeça eivada de juizo, he necessario ter de mais o coraçaõ e posses de Catilina para figurar, servir, ou aprovar huma revoluçaõ qualquer: a ella já se naõ pode aplicar o verso do Poeta — Felix quem faciunt a liena pericula cautum — exemplos huns sobre outros à tem assaz escarmentado em si mesmo, para cometter a temeridade de levantar essa offuscada bandeira, que sempre lhe tem sido luctuosa mortalha de Saladino à meio pào. Fallamos assim a respeito de revoluções, e o que diremos sobre estes novos malunguinhos mesclados? Odio e execraçaõ sobre esses malvados, e que a espada da Justiça seja vibrada com vigor sobre as suas cabeças! O mesmo nome de Liberdade que esses profanos della tomaõ nos impuros labios, he-lhes desconhecido no seu genuino sentido; rezenhemos a conducta desses corifeos de S. Antaõ, e ouçamos ao proprio Rousseau, a esse Politico, Cidadaõ da Republica de Genebra, Republicano por educaçaõ e principios juiz optimo, e imparcial sobre materias Democraticas, (palavra que esses anarchistas nem pronunciar sabem): ociosos, vadios, mentirosos, impostores, ambiciosos, réos de policia, ladrões, e junto com tudo isto, ou com parte ignorantões de chapa, principiando huma cousa, á que elles quereraõ chamar — revoluçaõ — pelos actos dos Salteadores, mentindo e enredando impudentissimamente, he o que se pode achar nesses Barros e burros. Mellos, e mellados: agora Rousseau fallando aos remexidos Polonezes — La liberté est un aliment de bon suc, mais de forte digestion; il faut des estomacs bien sains pour le supporter. Je ris de ces peuples avilis que se laissant ameuter par des ligueurs osent parler de liberte sans même en avoir l'idée, et le cœur plein de tous les vices des esclaves, s'imaginent que

pour ètre libres il suffit d'être des mutins. " A liberdade he alimento substancioso, mas dificil de degerir-se ; sò estomagos robustos podem com elle. Rio-me desses povos envelecidos, que, dando ouvidos á alguns revolucionarios, atrevem-se a falar de Liberdade, sem saber o que ella seja ; e, tendo em seos Corações os vicios da escravidaõ, persuadem-se que para serem livres basta sò amotinarem-se. " — No seu Contracto social — Il n'a pas existé de veritable démocratie, et il n'existira jamais. Il est contre l'ordre naturel que le grand nombre gouverne, et le petit soit gouverné " Naõ existio ainda verdadeira democracia, e nunca o existira. He contra a ordem da natureza, que o grande numerò Governe, e seja governado o pequeno. — Sil y avait un peuple des *Dieux* il se gouverneroit démocratiquement. Un gouvernement si perf ct ne convenient pas á des hommes " Si houvesse um povo de Deoses, seria esse o governado democraticamente. Um taõ perfeito Governo naõ he para homens ". — La Monarchie ne convenient donc qu'aux nations opulentes ; la Democratie aux etats petits et pauvres. " As Nações opulentas convem a Monarchia, aos estados pequenos e pobres quadra a Democracia. " — Quereraõ os nossos sucios de S. Antaõ fazer de Pernambuco hum pequeno Estado Republicano ? Naõ : elles principiaraõ roubando, querem roubar, saõ salteadores ; naõ confundamos as cousas : mas elles podiaõ, e acertavaõ melhor, ter hido para o Catucá ajuntar-se aos seus collegas.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores.

Rogo-lhes o favor de transcrever no seo Periodico a carta inserta sem nome do Diario Fluminense incluso, com o que obrigaraõ ao

Seo attento venerador e
Assignante.

Cuidavamos no silencio do nosso Gabinete, que o enthusiasmo pela liberdade Constitucional era sò quem levava os Brasileiros a devançar em seus escriptos nos primeiros tempos da nossa feliz emancipaçaõ ; e desculpando alguns arrojamentos, como proprios do tirocinio, em que nos achavamos, esperava, com a remissaõ desta especie de febre, que os Escriptores Publicos tomassem a boa direcçaõ, que a prudencia aconselha, o decoro exige, e a civilisaçaõ do nosso seculo naõ pode dispensar. Enganeime ; a febre axacerbou-se com muitas especies irritantes, tornou-se periodica, depois continua ; em alguns dos seus accessos tem apparecido o delirio, e agora conhecemos que sò Medicos mais prudentes do que temerarios, poderáõ applicar remedios, que salvem o enfermo de huma taõ grave enfermidade.

Pode affirmar-se que atè hoje quasi todas as folhas publicas occupadas exclusivamente em instruir o Povo de seus direitos, ou em propagar desavenças particulares, tem muito e muito concorrido para o estrago da sua moral e retardamento da necessaria civilisaçaõ, pois que naõ he estimulandose a maledicencia, e exaltando-se as idéas de quem ainda naõ estava bem instruido dos seus indispensaveis deveres, que se criaõ, e se pulem os bons costumes, em que assenta toda a boa Legislaçaõ, e donde mana a ordem, e o respeito da Sociedade. O conhecimento dos direitos do homem, segregado do conhecimento dos seus deveres, induz a erros de funestissimas consequencias ; basta huma olhada sobre a historia moderna de algumas Nações para nos persuadir de quanto he capaz hum Povo, a quem se offusca a razaõ na effervecencia das paixões, inhabilitando-se deste modo a cumprir com os seus deveres, convencido do bem, que disso resulta.

A constante direcçaõ de quasi todos os Periodicos tem produzido hum habito de ralhar de tudo, que já nem aproveita, nem acredita. A quasi necessidade de se adubarem os artigos diarios com o fel da satira, para que hajaõ leitores, que insensivelmente se acostumaraõ a taõ damnosos manjares, tem desviado a liberdade da Imprensa do alvo, a que se deve encaminhar, porque ferindo em vez de illuminar, e tornando se ou pouco justa, ou pouco circunspecta em seus golpes, tem feito apparecer huma especie de indifferentismo, e huma tal familiaridade com os vicios naquelles, que saõ increpados indistinctamente, que o mal cresce por isso mesmo, sem se colher fructo algum bom de tanta gritaria, e de tanto sarcasmo indecente, por naõ dizer mais.

Que se deve acreditar fora do Imperio, lendo-se as nossas folhas periodicas, se naõ ha hum só acto do Governo sobre o qual naõ despejem o copo da mais acre censura ; senaõ ha hum só Ministro, que naõ incorra na raiva dos Escriptores Liberaes, pelo menos em quanto servem ; se naõ ha hum só homem, que de novo se empregue, que naõ soffra logo ferida a sua reputaçaõ ? E chama-se a isto oposiçaõ ? Nunca lhe dará esse nome quem tiver conhecimento da verdadeira marcha politica do Systema Constitucional. Se os que se dizem encaminhadores da opiniaõ publica procedem de tal modo, que só nutrem indignas suspeitas

entre o Povo e o Governo; se diminuem o respeito necessario dos grandes empregados, com esses excessos, que convertem a Liberdade da Imprensa em desenfreada licença, eu direi que saõ hostilidades que se provocaõ, anarquia que se dispõe, partidos que se irritaõ, desgraças e desordens, que se preparaõ. Quando as paixões se descadeaõ, e o respeito se perde, a guerra dos partidos declara-se, a pena he substituida pela espada, a razaõ pela força, e o *vœ victis* em taes circunstancias naõ será mais doloroso aos Romanos, do que a outro qualquer povo.

Aventurei-me com estas reflexões, naõ porque seja atrabilario, ou porque naõ confie muito na Constitucionalidade do nosso Chefe o Defensor Perpetuo, Fundador, e Apoio principal da Nossa Liberdade, que tantas provas tem dado de que ama a Constituiçaõ, mas porque a indignidade do que se publicára na *Gazeta Parahibana*, e aqui na delirante *Astréa*, sem a refutaçaõ, que pennas bem aparadas já de certo emprehendem, julguei do meu dever como Brasileiro amigo da ordem, e da conservaçaõ da Monarquia Constitucional Representativa, que abraçámos, e jurámos defender, apontar a perigosa tendencia dos nossos Jornaes, o abysmo em que podem precipitar a Naçaõ, ainda mesmo suppondo de boa fé alguns dos seus Escriptores. O Brasil, que naõ quer ser menos do que he, perderá tudo, se o induzirem a ser mais; e quando taõ de frente se ataca a Lei como tem feito o *Recolhido* da Gazeta Parahibána, qual será o Brasileiro, que se naõ indigne assustado pelas consequencias de huma tal offensa?

Eu naõ emprehendo agora combater todas as proposições criminosas daquelle Escriptor, que em taõ poucas linhas offendeu o que temos de mais respeitavel, porque ainda espero, que o Conselho dos Senhores Juizes de Facto vingará esta affronta, que tem feito pasmar os Brasileiros sensatos, e amigos da Lei. Mas continuando a exposiçaõ da perigosa direcçaõ da maior parte das nossas folhas publicas, direi ainda, que aquelle artigo virulento he ja hum grande passo para o abysmo da anarquia, em que os cegos, ou malvados nos querem precipitar. Deveria lembrar-se aquelle atrevidissimo correspondente, que se a Camara dos Srs. Deputados naõ se curvou silenciosa, e humilde aos argumentos dos Srs. *Paula e Souza, Vasconcellos, Vergueiro, Souza França, Lino Coutinho, e Ferreira França*, que fallaraõ contra a dotaçaõ de mil contos a S. M. I., foi porque ainda se dirige por convencimento, e naõ por authoridades, temendo dar principio a facções, que costumaõ dilacerar os corpos deliberantes, e nem por isso que a Lei passou contra a opiniaõ desses Srs.! que o Recolhido chama *os maiores Economistas, Politicos, e Philosophos do Congresso,* (sem duvida por que eraõ nisto do seu pensar) ella se deve chamar *Lei baixa e barbara, que sempre fará o desdoiro da presente Assembléa Legislativa.*

A maioria dos Srs. Deputados bem expressada até em votaçaõ nominal, lembrou-se do fim, a que se destinava a Dotaçaõ tanto em França, e na Inglaterra, como no Brasil; se naquelles dois primeiros Reinos taõbem Constitucionaes huma bem diminuta parte das rendas publicas chega para a manutençaõ pomposa dos seus Monarcas, o mesmo naõ succede no Brasil, onde a decima quarta parte das suas rendas chega para o decente tratamento de S. M. I., porque dois milhões e meio de cruzados, naõ equivalem aos muitos milhões de libras, e de francos, com que a França, e a Inglaterra tem dotado os seus Reis. Se J. B. Say e outros Econonistas, que trataraõ este ponto, escrevessem no Brasil, de certo meteriaõ em linha de conta esta consideraçaõ. Elles saõ, assim como muitos sabios, muito Constitucionaes, e por isso mesmo conhecendo a indispensavel necessidade de se manter a decencia do Chefe da Naçaõ, para maior respeito dos Povos, proporcionariaõ meios a este fim taõ util, por que desta sorte procede quem discorre com prudencia, e com amor da ordem.

A Monarquia Constitucional Representativa, que fez o objecto dos nossos votos, quando fomos declarados Independentes: que faz a nossa actual tranquilidade, e que fará de certo o nosso rapido engrandecimento, porque nos dirige em grande distancia das duas perigosas sirtes, em que se esbarraõ alguns Governos, naõ prescinde da brilhante representaçaõ do Chefe Supremo; o respeito dos subditos concilia se mais facilmente pela pompa do Throno, e da Corte. Os que pertendem despoja-lo destes indicios de sua grandeza, ou naõ sabem quanto elles influem na obediencia dos subditos, ou, se o sabem, naõ querem o Governo, que temos abraçado. Percebe-se com tanta evidencia, que a raiva do *Recolhido da Parahiba* assenta, naõ sobre mil contos, porém sim sobre a dotaçaõ ao Imperador, que elle exclama, em seu frenesi, e cegueira, huma vez — *que desgraça! Trabalha o Brasil para hum homem só!!!* Outra vez — *he hum roubo, he huma violencia, he arrancar-se a propria substancia do coraçaõ Brasileiro, para conceder-se huma tal dotaçaõ*; e tudo isto depois de avançar, que *os novos Deputados vaõ reformar a Constituiçaõ*; isto he, vaõ arrancar-lhe o artigo da dotaçaõ do Imperador, e mais algumas coizas, que talvez o Escriptor espera do candidato, que recommenda aos votos da sua Provincia.

Estas, e outras proposições de hum artigo taõ virulento, descubrem o verdadeiro intento do seu criminoso author. Elle finge zelo pela causa Constitucional, e opposiçaõ liberal ao Poder, mas arroja-se em hum pelago de anarquia, arrastrando em sua queda, pela publicidade dos seus delirios, os Brasileiros incautos, os respeitadores do Throno Constitucional, os amigos da Liberdade, que deve ser dirigida sempre pela boa fé, e pela prudencia. Veja-se sobre tudo como as suas idéas se baralhaõ no delirio de taõ escandalozas proposições; saõ taõ acres, que elle pertendeu mesmo adoça-las saliente o seu atordoamento, e o seu furor. Attenda-se a estas bem celebres expressões — *e para que, Sr. Redactor, lhe damos? Naõ será para com essa mesma dotaçaõ nos fazer a guerra? Elle por ser muito livre, a naõ fará; porém o Brasil de certo lhe arma o braço para o escravizar.* — Assim pertende este *Recolhido* semear huma perniciosa desconfiança entre a Naçaõ e o seu Chefe. Assim perturbar a harmonia, que os deve sempre ligar, para que o Governo tenha a força moral indispensavel á nossa prosperidade. Assim dizendo que por muito livre o Imperador nos naõ fará a guerra; considera-se authorisado a fazer suspeitosa a sua Constitucionalidade, se alguma vez a isso se resolver; como se entaõ rasgando a Grande Carta, padraõ da sua gloria, e obra prima da sua Sabedoria, naõ possa ter á sua disposiçaõ todos os 14 mil contos, de que se deduz a dotaçaõ, que tanto exaspera a sua febre demagogica.

Termino aqui as minhas reflexões, desejando bem sinceramente, que ellas sirvaõ de desconfiar o patriotismo dos Brasileiros amigos da Monarquia Constitucional, para que rebataõ insultos desta especie em honra do Systema, que juramos, e do Chefe, que nos rege. Se deixar-mos os ralhadores de tudo sem refutaçaõ, nem o Governo terá energia para fazer executar as Leis, nem a Naçaõ terá credito fóra do Imperio. Firmeza de principios Manarquicos Constitucionaes; argumentos fundados em verdade, e justiça; respeito, e decencia, devem ser os principaes distinctivos de quem escreve para instrucçaõ do publico.

Avizos Particulares.

1 Tendo o Sr. Joaõ Pereira da Silveira posto a venda os bilhetes da sua rifa a vista de hum plano publicado; e naõ tendo vendido todos os bilhetes rezolve-se agora a mudar de plano, e sem mais ceremonia tira 2 principaes premios da rifa, marca o dia de correrem as rodas, sem que lhe importasse a vontade dos interessados. Isto he hum pouco desairoso, e algum escrupuloso haverá que naõ querendo estar pela mudança exigirá do Sr. Silveira a sua entrada, e nesse aperto como se haverá o Sr. Silveira? Responda.

2 O Professor Publico da Lingoa Franceza da Cidade de Olinda, como Preparatorio do Curso Juridico, partecipa ao respeitavel Publico, que a Aula da dicta Lingua se ha de abrir no dia 9 do corrente mez, nas casas da sua rezidencia, rua do Aljubre N.° 13. O tempo das lições será das 3 horas até ás 4½ da tarde. Todos os Senhores que quizerem approveitar-se dellas, podem appresentar-se lhe em todo o tempo.

3 Preciza-se de hum homem, que seja capaz para vender, e comprar em huma casa, os generos que se offerecerem convenientes; aquelle que estiver nas circunstancias de o poder fazer, dirija-se ao Atterro dos Affogados, Sitio denominado Piraõ-gordo, que achará com quem tratar, provando a sua conducta.

4 A pessoa que percizar de hum homem para feitor, ou para outra qualquer ocupaçaõ de Sitio: dirija-se ao pocinho da Panela.

5 O Inspetor do Trem Militar, por ordem do Excellentissimo Sr. Presidente da Provincia participa a todos os Officiaes dos Officios abaixo declarados, quer sejaõ paizanos quer soldados da primeira, ou segunda linha, que quizerem ser matriculados no Trem para trabalharem pelo seos Officios, dirijaõ-se ao Inspector do mesmo Trem para os propor ao dito Excellentissimo Sr. Presidente, e declarar-lhes as condições com que devem ser matriculados. Os Officios saõ os seguintes — Gravura — Carpinteiro de Reparos — Carpina — Marcineiro — Torneiro — Tanueiro — Latueiro — Funileiro — Ferreiro — Malhador — Serralheiro Espingardeiro — Corrieiro — Surrador — Pintor — Artifices de fogo: declara-se que sò podem ser matriculados homens libertos.

Vende-se.

6 Huma Padaria na rua do Rozario, quem vai para o Carmo Sobrado N.° 106, em boa situaçaõ para ter extraçaõ os seus effeitos: os pertendentes dirijaõ-se a rua Direita Sobrado N.° 20, 2.° andar.

7 Huma posse de hum terreno prompto para edificar qualquer predio, na praia de S Thereza junto do muro da Ordem Terceira do Carmo: os pertendentes dirijaõ-se no mesmo lugar casa D. 8.

Pernambuco na Tipografia do Diario.